

MANUAL DO PROFESSOR

Uma garrafa no mar de Gaza

Autoria

Aline Evangelista (CEDAC)



Fimac

MANUAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALINE EVANGELISTA (CEDAC)

LIVRO

UMA GARRAFA NO MAR DE GAZA

AUTORA

VALÉRIE ZENATTI

TRADUTORA

JULIA DA ROSA SIMÕES

CATEGORIA 2

**OBRAS LITERÁRIAS VOLTADAS PARA
OS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

TEMAS

**CULTURA DIGITAL NO COTIDIANO DO
ADOLESCENTE; ENCONTROS COM A
DIFERENÇA; SOCIEDADE, POLÍTICA E
CIDADANIA; DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA
E A FILOSOFIA**

GÊNERO LITERÁRIO

ROMANCE

Fimac

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para
a Ação Comunitária

Coordenação

Ana Maria Alvares

Revisão

Angela das Neves

Adriana Moreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Evangelista, Aline

Manual do professor — Uma garrafa no mar de Gaza /
Aline Evangelista ; CEDAC. — Belo Horizonte : FIMAC, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-54316-05-1

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino I. Título
II. Zenatti, Valérie. Uma garrafa no mar de Gaza III. CEDAC

18-0961

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

2018

Todos os direitos desta edição reservados à

FIMAC DISTRIBUIDORA DE LIVROS LTDA.

Rua Itaberá, 877

30260-320 — Belo Horizonte — MG

Telefone: (31) 3194-5029

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Uma garrafa no mar de Gaza*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. Ele é composto dos seguintes itens:

- 1. A autora e sua obra:** dados biográficos da autora e informações que contextualizem a obra.
- 2. Vale a pena ler este livro:** informações e sugestões que visam motivar o estudante para a leitura.
- 3. Este livro na formação leitora dos estudantes do 8º e do 9º anos do Ensino Fundamental:** a relação da obra com os temas propostos, com a categoria e o gênero literário.
- 4. Fazendo a ponte entre o leitor e o livro:** subsídios, orientações e propostas de atividades para a abordagem da obra literária com os estudantes.
- 5. Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho antes e depois da leitura.
- 6. Possibilidades interdisciplinares:** orientações gerais para aulas de outros componentes ou áreas para a utilização de temas e conteúdos presentes na obra, com vistas a uma abordagem interdisciplinar.

Bom trabalho!

1. A AUTORA E SUA OBRA

Valérie Zenatti nasceu em Nice, na França, em 1970, e aos treze anos mudou-se com a família para Israel. Foi, portanto, nesse país que ela viveu as experiências mais intensas da juventude: a descoberta da vocação profissional, o primeiro amor, a cumplicidade entre amigos, as festas animadas por música alta e pista de dança agitada. Até aí, tudo bem parecido com a rotina dos jovens que conhecemos. No entanto, a juventude israelense é marcada por um fato que não nos é familiar: todos os cidadãos física e mentalmente aptos devem apresentar-se à Força de Defesa aos dezoito anos de idade para o serviço militar obrigatório, que se estende por três anos para os homens e dois para as mulheres. Após o cumprimento desse serviço, as mulheres servem na reserva uma vez por ano, até os 24 anos de idade, ao passo que os homens servem até os quarenta anos de idade.

Assim como as demais jovens, Valérie Zenatti prestou o serviço militar e, em poucos anos, passou de menina a moça e de moça a soldado. Fuzis, kits de sobrevivência, coturnos e uniforme integraram seu universo, juntamente com rotinas rígidas, marchas esgotantes, comida racionada, falta de sono e de privacidade, entre outras dificuldades, dentre as quais a presença constante do conflito que justifica todo esse investimento na defesa.

As memórias do Exército foram narradas no livro autobiográfico *Quand j'étais soldate* [Quando eu era um soldado], obra não traduzida para o português. Três anos depois, em 2005, Valérie Zenatti volta a abordar a relação de jovens com os conflitos políticos, dessa vez no romance *Uma garrafa no mar de Gaza*, publicado no Brasil em 2012.

A familiaridade da autora com o contexto social, histórico, político e religioso israelense se faz notar ao longo de todo o romance, seja na descrição da cidade de Jerusalém e na ambientação da vida em Gaza, em plena Intifada, seja na maneira como retrata os rancores, as mágoas e as perspectivas de uma

jovem israelense que vive em Jerusalém e de um palestino que mora na Faixa de Gaza. Ao longo da interação entre eles, o leitor vai percebendo que, ao contrário do que se pode imaginar, os dois nem sempre estão em lados opostos: os medos, os rancores e o desgaste diante de um conflito antigo e sem expectativa de terminar os coloca do mesmo lado.

Intifada foi uma manifestação popular dos palestinos contra as forças de ocupação israelenses na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. A primeira Intifada ocorreu em 1897 e a segunda, em 2000.

O romance *Uma garrafa no mar de Gaza* foi adaptado para o cinema. A produção foi dirigida por Thierry Binisti, que divide o roteiro com a autora do romance, Valérie Zenatti. O filme tem duração de uma hora e 39 minutos e é indicado para maiores de doze anos.



2. VALE A PENA LER ESTE LIVRO

Manchetes que trazem os gentílicos *israelenses* e *palestinos* em geral contêm termos como *atentado*, *bombardeio*, *ataque*, *conflito* e *confronto*. A associação entre as palavras vai se repetindo ao longo dos anos, de modo que passamos a relacionar os dois povos a uma condição ao mesmo tempo beligerante e tensa. Como raramente temos acesso a outras narrativas sobre israelenses e palestinos, além daquelas que estão na mídia, o que mais podemos saber sobre eles? O que mais acontece na Faixa de Gaza, além de conflitos, confrontos, mortes e violência? O romance *Uma garrafa no mar de Gaza* convida o leitor a entrar no mundo de dois jovens que moram em Jerusalém e Gaza, para, por meio da ficção, conhecer uma história possível.

Em uma conferência que se tornou bastante conhecida, a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie discorre sobre o perigo da história única e alerta sobre o poder que a literatura tem de nos colocar em contato com diferentes histórias, indo além dos estereótipos mais difundidos. Disponível em: <<https://bit.ly/2xzv9V9>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

No início do romance, quem tem a palavra é a personagem Tal, uma jovem israelense de dezessete anos. Ela narra o impacto causado por uma explosão que ocorreu perto de sua casa: um atentado contra pessoas inocentes, que estavam tomando um café, sem imaginar que a morte as rondava. A voz narrativa de Tal conduz o leitor, de modo que ele pode compreender claramente os questionamentos que se sucedem a essa fatalidade e as motivações da jovem ao escrever uma carta para ser lançada a Gaza em uma garrafa. As-

sim que a resposta chega, por e-mail, entramos em contato com outra voz: a do palestino Naim, que se manifesta de forma irônica, ridiculariza Tal e desdenha da proposta de diálogo sugerida por ela. Lendo sua mensagem eletrônica, percebemos que ele deseja ferir, magoar e ridicularizar a interlocutora, como fica evidente neste trecho:

Não estou com vontade de explicar. Estou respondendo porque você me fez passar bons momentos com todas essas histórias, você até que escreve bem. De resto, a mão estendida para os malvados palestinos que talvez não sejam tão malvados, seu gosto pelo cinema, seu pai, seus professores, sua amiga, tudo isso: não estou nem aí! (p. 27)

Mas será que ele não está mesmo nem aí? O que ele diz reflete, de fato, o que sente? O capítulo “Brigar consigo mesmo”, narrado por Naim, oferece elementos para que possamos construir respostas a essas perguntas.

Ela me mandou cinco e-mails, e eu não respondi nenhum. O problema é que não consigo parar de pensar nessa garota. Ela vale mais que minhas zombarias. Além disso, e acima de tudo, ela é de uma sinceridade de tirar o fôlego. (p. 31)

Esse contraste entre o que o jovem deseja aparentar e o que ele sente de fato abre caminhos para boas conversas sobre as possibilidades que a literatura oferece para a compreensão do outro. Percebemos que a ironia e a agressividade eram máscaras usadas por Naim para se defender e, só bem mais adiante, no final do livro, podemos compreender claramente o motivo dessa reação inicial tão resistente.

O romance articula diferentes vozes narrativas e diferentes gêneros (narrativa em primeira pessoa, cartas e troca de mensagens instantâneas) para compor um panorama amplo das emoções e dos pensamentos dos

jovens, o que favorece a possibilidade de compreender mais amplamente o que se passa com eles. O processo de conhecer e entender o outro, ainda que seja um outro feito de palavras, contribui com a formação dos jovens de 8º e 9º anos, uma vez que os ajuda a perceber a complexidade das relações e das emoções.

À medida que Tal e Naim revelam seus sentimentos e suas ideias sobre o contexto em que vivem, o leitor os percebe como indivíduos; eles passam a se definir pelo que são, e não mais por serem *israelense* ou *palestino*. Dessa forma, os estereótipos mais cristalizados começam a se romper e as generalizações dão lugar a uma percepção mais refinada dos indivíduos.

Além da oportunidade de ampliar os horizontes em relação a contextos geopolíticos distantes, *Uma garrafa no mar de Gaza* proporciona também uma experiência muito rica no campo da linguagem. A linguagem de Naim, nas primeiras cartas, é repleta de sarcasmo e ironia, recursos que podem ser objeto de análise nas aulas de Língua Portuguesa. No seguinte fragmento, por exemplo, ele não esclarece exatamente o que quer dizer: é preciso considerar o tom provocativo do texto para interpretar que ele está zombando de Tal, sugerindo que ela é ingênua e infantil.

Inscreva-se num curso de cinema, isso vai fazer com que pare de escrever “sem saber por quê”. Ou envie sua carta para um concurso do tipo “Crianças para a paz”. Tenho certeza de que a Unesco deve organizar um monte de coisas do gênero, com desenhos de garotos onde vemos pombas feridas que parecem galinhas mal degoladas, ramos de oliveira que cobrem o chão e poemas em que a palavra “paz” aparece em acróstico. (Sim, em acróstico! Veja só, em Gaza também enchem a cabeça dos alunos com palavras que eles só utilizarão na aula de literatura! Mas nós dois somos quase iguais, sério!) [p. 27]

Além da ironia, outras figuras de linguagem, como metáforas e com-

parações, são usadas para intensificar a descrição de sentimentos e impressões. Neste trecho, por exemplo, Tal recorre a uma metáfora para expressar o quanto a escrita é urgente e necessária para que ela se sinta bem: “Como se um rio de palavras precisasse sair de dentro de mim para que eu pudesse viver” (p. 14).

Analisar as palavras escolhidas para compor a metáfora, a imagem que ela cria e o efeito que produz são encaminhamentos que colocam os conteúdos de Língua Portuguesa onde eles devem estar: nos textos, nas atividades de leitura, em propostas nas quais os alunos atuam ativamente para a construção de sentido.

3. ESTE LIVRO NA FORMAÇÃO LEITORA DOS ESTUDANTES DO 8º E DO 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Uma garrafa no mar de Gaza é, antes de tudo, um romance que traz à tona o poder transformador da empatia e do diálogo. À medida que se conhecem, os protagonistas passam a entender melhor as mágoas e a angústia um do outro; aos poucos descobrem que se sentem bem quando interagem e notam que nutrem afeto sincero entre si. Esse vínculo entre as personagens foi possível graças à persistência de Tal, que não se abateu diante da primeira resposta irônica, sarcástica e agressiva de Naim. Ela insistiu no diálogo e continuou abrindo espaços de interlocução, até que, por fim, ele passou a se expor mais e a se defender menos. Com o tempo, o tom das mensagens mudou por completo, conforme podemos observar ao confrontarmos os seguintes trechos, extraídos, respectivamente, da primeira e da última carta de Naim a Tal.

Bom, não vou contar minha vida a você. É o que você quer, mas eu não que-

ro. Não sou um macaco, estudado para que determinem suas semelhanças com o homem. Para isso, você tem a professora de biologia.

Adeus e até nunca mais! [p. 27]

Mas não me esquecerei completamente de você, Tal.

Um dia, você me disse que era preciso repetir tudo comigo. É verdade.

Então, você e eu repetiremos o milagre da garrafa. [...] [p. 124]

No contexto do romance, o encontro com a diferença deixa de ser uma barreira e passa a ser uma via de reflexão sobre a maneira como cada um dos jovens se relaciona com a sociedade, a política e a cidadania, temas muito presentes em todo o livro. Por meio das descobertas de Tal e Naim, os leitores também descobrem contextos políticos e sociais distantes dos seus e, não menos importante, apreciam a construção de vínculos entre dois jovens que conseguem usar a cultura digital de seu tempo e o desejo sincero de dialogar para vencer as barreiras impostas por uma cerca, um conflito e muitos anos de guerra e intolerância. Nesse sentido, o livro vai ao encontro do que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe para os anos finais do Ensino Fundamental na disciplina de Língua Portuguesa, como se pode observar no seguinte trecho do documento:

[...] destaque-se a relevância desse campo para o exercício da empatia e do diálogo, tendo em vista a potência da arte e da literatura como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente. (BRASIL, 2017, p. 137.)

O fato de o romance evocar imagens icônicas, como o aperto de mão entre os líderes Yitzhak Rabin, Yasser Arafat e Bill Clinton, além de episódios marcantes da história, como o assassinato de Rabin e a segunda Intifada,

explicita a relação da ficção com a história: o romance é fictício, Tal e Naim não existem na vida real; ainda assim, eles podem ensinar muito sobre um contexto geopolítico complexo e real.

4. FAZENDO A PONTE ENTRE O LEITOR E O LIVRO

Uma garrafa no mar de Gaza caracteriza-se pela sintaxe clara, pela linguagem despojada, ainda que bem cuidada, e pelo tom informal, próprio da comunicação entre jovens. Apesar dessa leveza na forma, o conteúdo abordado é complexo, tanto pelos temas geopolíticos que permeiam a narrativa, quanto pela riqueza das emoções que são vivenciadas pelos protagonistas. Esses e outros temas podem ser explorados em sessões de leitura nas quais alunos e professores, juntos, desfrutam da experiência estética e conversam sobre o livro.

Em *Andar entre livros* (2007), a pesquisadora espanhola Teresa Colomer defende a ideia de que os livros e os professores trabalham em conjunto para a formação leitora dos sujeitos. As próprias obras ensinam a ler, uma vez que oferecem pistas, caminhos e guias que orientam o leitor. O professor, por sua vez, tem atuação decisiva sobre o processo, uma vez que planeja itinerários e situações didáticas que possibilitem que os estudantes leiam sozinhos, com os outros ou guiados por especialistas que os apoiem no enfrentamento de desafios.

Sobre a leitura compartilhada, situação em que alunos leem juntos e discutem o que leram, ora em situações mediadas pelo professor, ora em grupos de discussão, a autora afirma que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna pos-

sível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (COLOMER, 2007, p. 143.)

Ao planejar a leitura compartilhada, é importante considerar que:

- todos devem ter o livro em mãos, para acompanhar a leitura feita em voz alta pelo professor;
- o professor lê o livro antes e planeja a sessão de leitura. Esse planejamento considera objetivos relacionados com as competências e habilidades que se pretendem desenvolver no ano letivo, bem como o que cada capítulo potencializa para comentários e discussões. Tendo esses aspectos em mente, o professor decide o que será discutido antes, durante e depois da leitura;
- pode ser conveniente ler um capítulo por dia, ou alguns capítulos a cada sessão. Essa é uma escolha do professor. Também pode ser combinado um trabalho que articule a leitura compartilhada, em sala de aula, de alguns capítulos, e a leitura autônoma de outros, em casa. Por exemplo: na primeira semana, a leitura compartilhada dos capítulos 1 a 5; já na segunda semana, leitura autônoma dos capítulos 6 e 7, discussão sobre eles em sala de aula; então repetição de leitura compartilhada, mas agora do capítulo 8. Ao elaborar o cronograma, sugere-se que reserve para leitura compartilhada os capítulos mais complexos, que requeiram mais mediação do professor;
- durante a leitura compartilhada, o professor lê em voz alta e faz pausas estratégicas, para: acolher perguntas e comentários feitos pelos alunos; lançar perguntas ao grupo; pedir que comentem algum acontecimento; propor a troca de ideias sobre determinados temas. As pausas são momentos em que o livro é discutido, a partir

de uma proposta feita pelo professor, mas sempre levando em conta os temas que os alunos trazem em suas colocações espontâneas;

- não se trata de elaborar perguntas para as quais haja uma resposta objetiva e única. As propostas de discussão visam à troca de ideias sobre temas diversos.

Sugerimos a seguir alguns encaminhamentos que poderiam orientar as sessões de leitura compartilhada de *Uma garrafa no mar de Gaza*.

- **Análise da capa e das epígrafes:** as epígrafes sintetizam um dos grandes temas do livro, a existência de um desejo comum entre povos diferentes. Observe que os autores das epígrafes são identificados por suas nacionalidades (compositor israelense/poeta palestino), o que pode sugerir que haja muita diferença entre eles. No entanto, lendo atentamente os versos, observam-se muitos elementos em comum (alusão a pássaros, ramos de oliveira e flores; mensagens comunicando esperança de paz). Pode ser interessante ainda associar o arame farpado presente na capa às epígrafes e propor que, a partir desses elementos, os alunos criem hipóteses sobre o conteúdo do livro.
- **Coletânea de trechos que se destaquem pelo trabalho com a linguagem:** durante as sessões de leitura, você pode chamar a atenção para trechos em que haja metáforas interessantes, comparações inusitadas, ironias refinadas ou outros recursos usados para criar efeitos de sentido, como, por exemplo, os seguintes:
 - “[...] Chorei por me sentir tão vazia, viva mas vazia, frágil como uma casca de ovo, oca, com um abismo por dentro que me deixa com vertigens, náuseas.” (p. 87).
 - “[...] Gaza é um barril de pólvora. Você risca um fósforo e tudo explode.” (p. 25).

Depois de um tempo de leitura, quando os estudantes estiverem familiarizados com esse tipo de apreciação, incentive-os a grifar trechos de que gostem, para compartilhar com os colegas. Os trechos podem compor um mural na sala de aula ou pode haver roda de leitura de trechos escolhidos. Sempre que possível, é interessante convidar os alunos a comentar, indicando o que lhes chamou a atenção na construção textual.

- **Observação da alternância de vozes narrativas:** é possível que os estudantes não estejam familiarizados com a leitura de romances narrados por diferentes pontos de vista, por isso é importante chamar a atenção para esse aspecto cada vez que ocorre alternância na voz narrativa. Além de apoiar os alunos para que percebam quem está narrando, oriente-os a comentar as características que a personagem evidencia quando narra: o que pode saber sobre ele ou ela? Que nuances do conflito geopolítico se pode perceber quando Tal narra? E quando Naim narra? O que uma personagem sabe e outra ignora? Por fim, oriente-os a comentar o efeito produzido pela alternância de vozes: em que contribuiu com a leitura? Deixe que compartilhem suas impressões e incentive-os a justificar, dar exemplos e comentar.
- **Relação afetiva com o lugar em que se vive:** chame a atenção para a maneira como Tal descreve Jerusalém. Proponha que os estudantes comentem a relação dela com a cidade, a forma como a personagem sente que pertence àquele lugar. Embora não tenha nascido lá, tudo parece lhe dizer respeito, tudo tem relação com ela e com a família dela. Peça aos alunos que identifiquem trechos em que essa relação se evidencia e incentive-os a compartilhar com a classe. A passagem a seguir, por exemplo, explicita que Jerusalém é a escolha de Tal, o lugar onde ela deseja estar:

Sei que existem cidades magníficas no mundo, sonho em conhecer Paris, Veneza, Pequim e Nova York, mas já sei que é aqui que quero viver. Viver, e não morrer. (p. 17)

Naim, por sua vez, expressa afeto por Jafa, a cidade de origem de sua família. No entanto, em nenhum momento ele demonstra qualquer vínculo com Gaza. Ao contrário, nota-se que sua relação com a região é marcada por ressentimento, desdém e cansaço, como fica evidente no trecho a seguir:

A Faixa de Gaza é só areia, algumas oliveiras, assentamentos aramados onde vivem os colonos israelenses, e casas cinza, dezenas de milhares de casas cinza apertadas umas contra as outras, de maneira sufocante, aliás é fácil sufocar aqui. Em suma, a lixeira pública da região. (p. 31)

5. ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

MATERIAL DE APOIO PRÉ-LEITURA

Antes de começar a trabalhar com um romance ambientado no Oriente Médio, é importante ampliar o repertório dos estudantes em relação ao contexto geopolítico. Para começar, localize Gaza e a Cisjordânia no mapa, chamando a atenção para as fronteiras entre essas áreas e o território de Israel.

Incentive os estudantes a compartilhar o que sabem sobre os conflitos que ocorrem nessa região. Você pode, também, propor um levantamento de dúvidas sobre o tema. Visando ampliar as referências dos alunos, caso disponha de recursos audiovisuais, considere assistir ao vídeo preparado pelo

jornal *Nexo* na ocasião de comemoração dos setenta anos do Estado de Israel (disponível em: <<https://bit.ly/2LgwSkf>>; acesso em: 1 jun. 2018). Caso não seja possível projetar o vídeo, sugerimos que apresente aos estudantes a reportagem “Por que o conflito Israel-Palestina vive uma nova onda de violência” (disponível em: <<https://bit.ly/2xAAOKG>>; acesso em: 1 jun. 2018). Ela também pode ser sugerida como material complementar.

Além do contexto geopolítico, sugerimos que, antes da leitura, explore as características do romance epistolar, pois *Uma garrafa no mar de Gaza* dialoga com esse gênero, afinal, embora não seja composto apenas por cartas, elas são parte central da trama. Visando à preparação dos alunos, comente que as cartas pessoais, em geral, seguem uma estrutura: saudação, corpo da mensagem, despedida e assinatura. O conteúdo varia bastante, podendo abordar desde temas relacionados à vida íntima, até questões de cunho político e social. Cartas antigas, quando recuperadas, podem reconstituir o passado, iluminando aspectos do contexto histórico em que elas foram produzidas.

Na pré-leitura da obra *Uma garrafa no mar de Gaza*, a cultura digital e a segurança na internet são temas que merecem ser explorados. No livro, a comunicação digital entre dois desconhecidos gera aprendizagens, ampliação de horizontes, empatia e afeto. Mesmo quando Naim responde de maneira irônica, o tom das mensagens é ácido, sem ser desrespeitoso. No entanto, nem sempre existe esse clima ético no mundo virtual. Por essa razão, é importante discutir com os alunos questões ligadas à segurança digital e ao comportamento on-line.

Uma proposta seria selecionar um site de referência nesses assuntos que ofereça recomendações a esse respeito. Então, coletivamente, com apoio do professor, os estudantes poderiam elaborar uma cartilha que traga dicas sobre comportamentos seguros e atitudes que devem ser evitadas em ambientes virtuais. A cartilha pode ser física ou digital e deve ser voltada a alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, com o objetivo de promover a conscientização sobre o tema.

A pesquisa sobre segurança digital e comportamento on-line pode ser feita no site da SaferNet, uma associação sem fins lucrativos que promove prevenção, educação, denúncia e orientação para o uso seguro da internet. Disponível em: <<https://bit.ly/1M7IKjn>>. Acesso em: 1 jun. 2018.

MATERIAL DE APOIO PÓS-LEITURA

Ao final da leitura da obra *Uma garrafa no mar de Gaza*, sugerimos duas ações.

1. Comparação do livro com o filme

O romance em estudo foi adaptado para o cinema. Vale a pena propor uma sessão do filme, para que os estudantes possam observar a elaboração do roteiro e as soluções audiovisuais que foram criadas para adaptar o livro à linguagem cinematográfica. Essa conversa não precisa se restringir a analisar a fidelidade do filme ao livro; em vez de comparar o que é igual e o que mudou, é interessante perguntar por que o roteirista incluiu ou excluiu algum acontecimento ou por que modificou algum episódio. A pergunta “a que necessidade a mudança parece corresponder?” pode ser uma boa guia para a observação. Oriente, ainda, os estudantes a reparar nas soluções audiovisuais encontradas para contrapor os pontos de vista dos protagonistas. Por exemplo: no livro, quando Tal escreve pedindo notícias de Naim, nem ela nem nós, leitores, sabemos se ele está bem; o filme permite que a haja sobreposição da voz de uma personagem às imagens de outra, ampliando o ponto de vista do espectador. Proponha, também, que analisem a trilha sonora e a ambientação. Esses itens podem compor uma pauta de observação, a ser encaminhada com os alunos antes da projeção do filme. Ao final, encaminhe uma roda de conversa sobre ele.

2. Retomada de conexões intertextuais e recomendação de leituras

Quando sente desejo de escrever para organizar seus pensamentos e suas emoções, Tal se lembra do livro *O diário de Anne Frank*. Recorda-se de que a menina judia queria ser escritora, ao contrário dela. Para Tal, a escrita, naquele momento, era uma necessidade e não um projeto de vida.

Quando fiz treze anos, minha avó me deu *O diário de Anne Frank*, a história da judia holandesa que, durante a Segunda Guerra Mundial, viveu num esconderijo com a família antes de ser deportada. Ela sonhava em ser escritora e, acima de tudo, em viver livre, poder ir ao cinema, passear num parque, olhar as árvores e ouvir o canto dos pássaros sem ter medo de ser presa e morta pelos nazistas. [...]

Ainda não sei por que estou escrevendo tudo isso. Tiro notas medianas em literatura, nada mais, e não sonho em me tornar escritora. (p. 13)

Naim, por sua vez, recorda-se do clássico *Romeu e Julieta* quando reflete sobre o desejo e a impossibilidade de conhecer Tal. Mas logo percebe que, embora haja semelhanças entre sua vida e a dos protagonistas da tragédia de Shakespeare (separação decorrente de tensão entre povos), há uma grande diferença: Julieta era apaixonada por Romeu, ao passo que Tal é apaixonada pelo namorado, não por Naim.

No mundo real, só pode haver eu de um lado, ela do outro, nossos dois povos que se odeiam e se disputam, somos o Romeu e a Julieta do terceiro milênio, mas não há ninguém para escrever nossa história.

Estou escrevendo bobagens. Não somos Romeu e Julieta. Ela tem um namorado, ela disse isso desde o início, desde as páginas da garrafa, e depois voltou a falar dele. (p. 67)

Aproveite os momentos em que esses livros são citados para explorar mais a fundo as conexões. Se for possível, você pode visitar com os alunos o site do Museu Anne Frank (disponível em: <<https://bit.ly/2LSCe67>>; acesso em: 1 jun. 2018), incluindo a página em que há um vídeo que resume a vida da jovem e mostra imagens do contexto social e político no qual ela vivia (disponível em: <<https://bit.ly/22bpNI8>>; acesso em: 1 jun. 2018). Também é interessante levar o livro para a sala de aula e ler um trecho junto com os alunos.

O clássico de Shakespeare pode ser abordado de muitas maneiras: boas adaptações infantojuvenis, versões para o cinema ou paródias podem render discussões produtivas sobre o tema central da tragédia: amantes que não podem viver o amor em função de suas origens. Seguem algumas sugestões de materiais adequados para serem apresentados aos estudantes:

- Tradução do texto integral: SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Trad. José Francisco Botelho. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016. Ainda que os alunos não leiam a obra completa, é importante que tenham contato com o texto integral e que saibam que essa fonte original deu margem às adaptações.
- Adaptação infantojuvenil: MATTHEWS, Andrew. *Romeu e Julieta*: histórias de Shakespeare. Trad. de Érico Assis. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010. Nesse livro dirigido ao público infantojuvenil, a peça de William Shakespeare foi transformada em prosa e ganhou ilustrações em preto e branco do premiado artista inglês Tony Ross. Há um trecho da obra disponível em: <<https://bit.ly/2JmzYpy>>; acesso em: 1 jun. 2018.
- Versão cinematográfica moderna: *Romeu e Julieta*. Direção: Carlo Carlei. EUA, 2014. 116 min. Com classificação indicativa para maiores de doze anos, é uma das mais recentes produções para o cinema baseada na peça inglesa.

Além de retomar os livros citados pelas personagens, aproveite para apresentar outros livros que se passam em Jerusalém e em Gaza:

- *Pantera no porão* (Companhia das Letras, 1999), de Amós Oz: Misto de autobiografia e romance de formação, este livro investiga com humor e poesia a tênue fronteira entre o real e a ficção, entre a infância e a idade adulta, no conturbado alvorecer do Estado de Israel.
- *Notas sobre Gaza* (Companhia das Letras, 2010), de Joe Sacco: Nesse ambicioso trabalho, o quadrinista funde passado e presente para contar a história da escalada de violência no conflito entre israelenses e palestinos.

Outra possibilidade é apresentar aos estudantes outro romance epistolar. A literatura vale-se desse gênero para reconstituir histórias de vida, como é o caso da obra *De mim já nem se lembra*, do escritor brasileiro Luiz Ruffato (Companhia das Letras, 2016). Pode ser oportuno introduzir esse romance epistolar, promovendo com a turma a leitura de uma das cartas. Além de comentar o conteúdo de uma delas, convide os alunos a pensar sobre o que levou a mãe a guardar as cartas do filho numa caixa sob a cama por tantos anos: o que aqueles textos representavam para ela? Como essas cartas, reunidas, podem se transformar em livro? A conversa sobre essas questões trará à tona tanto o valor sentimental das epístolas, que, representando a voz do filho morto, ocupam lugar especial no quarto da mãe, quanto o valor histórico dos textos, que documentam a movimentação política e social de uma época.

Já o livro *Cartas brasileiras*, organizado por Sérgio Rodrigues (Companhia das Letras, 2017), reúne oitenta cartas, escritas por personalidades brasileiras de diversas áreas em diferentes tempos: de Dom Pedro I a Glauber Rocha, passando por Renato Russo, são muitas as vozes que se colocam ali, seja para abordar a vida pessoal, seja para tratar de temas políticos, sociais ou profissionais. Neste caso, não se trata de um romance epistolar; as cartas não têm relação uma com a outra, mas cada uma delas documenta, de alguma forma, grandes momentos da história do nosso país, e, alguns casos, a intimidade dos missivistas. Apresente o livro aos alunos e leia com

eles o texto de apresentação. Há ali uma conversa interessante sobre as cartas mandadas por correio ou mensageiro, e o tempo que havia entre o envio e o recebimento, e as mensagens eletrônicas atuais, que o organizador do livro chama de “filhas do telegrama, e não das cartas”. Explore com os estudantes essa ideia. Em seguida, você pode convidá-los a escolherem algumas cartas para a leitura.

6. POSSIBILIDADES INTERDISCIPLINARES

HISTÓRIA

De acordo com a BNCC:

Progressivamente, ao longo do Ensino Fundamental – Anos Finais, o ensino favorece uma ampliação das perspectivas e, portanto, de variáveis, tanto do ponto de vista espacial quanto temporal. Isso permite aos alunos identificar, comparar e conhecer o mundo, os espaços e as paisagens com mais detalhes, complexidade e espírito crítico, criando condições adequadas para o conhecimento de outros lugares, sociedades e temporalidades históricas. Nessa fase, as noções de temporalidade, espacialidade e diversidade são abordadas em uma perspectiva mais complexa, que deve levar em conta a perspectiva dos direitos humanos. Essa é uma questão complexa, que envolve a compreensão do conceito de Estado e dos mecanismos institucionais dos quais as diferentes sociedades dispõem para fazer justiça e criar um novo campo republicano de direitos. (BRASIL, 2017, p. 354.)

Uma garrafa no mar de Gaza traz um contexto muito favorável para a discussão sobre o conceito de Estado. Afinal, esse conceito aparece diversas vezes ao longo do livro, nas conversas entre Tal e Naim, como se pode observar nos seguintes exemplos:

- Tal explica a Naim o engajamento da família dela em defesa da criação de um Estado palestino. Nesse trecho, é importante observar como ela estabelece relação direta entre a criação desse Estado e a conquista da paz.

Você sabe muito bem que meus pais, eu, toda a minha família, sempre militamos para que vocês tivessem um Estado, para que a paz não fosse apenas uma palavra em letras de músicas, dicionários ou discursos, mas também uma realidade. [p. 53]

- Ao se despedir de Tal, Naim compartilha seus projetos para o futuro. No centro de suas esperanças está o desejo de que seja criado um Estado palestino.

Estou tremendo. Terei o direito, por alguns anos, de viver como Paolo e Willy. Me tornarei médico. Depois, voltarei para esta terra em que nasci. Espero, espero muito que as coisas tenham mudado até lá, que tenhamos um Estado, que as sirenes das ambulâncias só soem por acidentes de trânsito e ataques cardíacos. Mas, por enquanto, só quero pensar em mim. Só em mim. [p. 123]

Entender o desejo compartilhado e nunca realizado de ambos requer “compreensão do conceito de Estado e dos mecanismos institucionais dos quais as diferentes sociedades dispõem para fazer justiça” (BRASIL, 2017, p. 51), o que pode ocorrer por meio de um trabalho interdisciplinar, em que o professor de História encaminhe a construção dos conceitos de território, nação, Estado e país, usando a questão da criação do Estado de Israel, e a não criação do Estado palestino, como ponto de partida.

O vídeo *As origens do Estado de Israel e do conflito com os palestinos* (disponível em: <<https://bit.ly/2LgwSkf>>; acesso em: 1 jun. 2018), já sugerido aqui, pode

ser um material de apoio para esse estudo. Propomos a elaboração de um roteiro de observação, que inclua tanto o registro de informações relevantes para posterior discussão, quanto o espaço para dúvidas que serão compartilhadas depois.

Esclarecidos os conceitos, com apoio do professor de História, é hora de propor que os estudantes voltem às palavras das personagens, a fim de que comentem, de forma mais respaldada, a associação que Tal e Naim estabelecem entre a criação do Estado palestino e a paz na região de Gaza.

ARTE

Em 2001, um grupo de 24 artistas, de diversas nacionalidades, uniram-se em torno de um objetivo comum: produzir obras para uma exposição intitulada *Coexist*, termo inglês que significa *coexistência*, ou seja, existência simultânea. O objetivo da mostra, criada e iniciada pelo Museu de Seam, em Jerusalém, era sensibilizar e conscientizar o público sobre a importância da convivência pacífica entre diferentes povos.

Foram produzidas 54 imagens, por um grupo de 42 artistas, de dezoito nacionalidades diferentes. Essas obras foram transformadas em outdoors gigantesco, expostos primeiro em Jerusalém, depois em exposições itinerantes, por cidades do mundo inteiro.

Os trabalhos apresentados nessa exposição, reproduzidos no site do museu (disponível em: <<https://bit.ly/2szgV0v>>; acesso em: 1 jun. 2018), oferecem uma boa oportunidade para um trabalho em parceria com o professor de Arte. Ainda que o site seja escrito em inglês, os estudantes podem explorar as imagens, comentar as soluções encontradas pelos artistas para abordar o tema da coexistência, expressar o que pensam e sentem diante dos trabalhos e expor como pensam que essas obras devem ser recebidas, ou seja, de que forma elas tocam o público e promovem reflexão sobre o tema.

Um desdobramento interessante seria selecionar uma imagem e escolher um trecho do livro que possa se associar à obra de arte, como se fosse

uma legenda. É possível trabalhar em grupos nessa proposta e, depois, compartilhar com a classe o resultado da atividade.

Esse trabalho pode favorecer o desenvolvimento da habilidade:

(EF69AR31) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política, histórica, econômica, estética e ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.